

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.
DOI do preprint publicado: <https://doi.org/10.1590/2176-4573e70474>

História, Caminho e Horizonte: a Análise do Discurso Crítica Latino-americana como referencial de pesquisa e para pesquisar

Mateus Aparecido de Faria, Lívia Pereira de Souza, Paula Dias Bevilacqua

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11311>

Submetido em: 2025-02-20

Postado em: 2025-02-21 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

História, Caminho e Horizonte: a Análise do Discurso Crítica Latino-americana como referencial de pesquisa e para pesquisar

History, Path, and Horizon: Latin American Critical Discourse Analysis as a Research Framework and Tool for Investigation

Mateus Aparecido de Faria¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6622-9949>

<mateusfaria18@gmail.com>

Livia Pereira de Souza¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4822-288X>

Paula Dias Bevilacqua¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0015-2154>

¹Fundação Oswaldo Cruz. Instituto René Rachou. Belo Horizonte, MG, Brasil.

Resumo

Este artigo explora a Análise do Discurso Crítica Latino-Americana (ADC-LA), destacando-a como um referencial metodológico contra-hegemônico para pesquisas sobre discursos. Partindo da Teoria Social do Discurso de Fairclough e de seus desdobramentos, o estudo apresenta uma perspectiva decolonial centrada na América Latina, abordando as colonialidades do poder, saber e ser que permeiam as práticas discursivas. A ADC-LA é proposta como uma ferramenta de transformação social, integrando conceitos como aquilombagem crítica e epistemes afroperspectivistas. Ao exemplificar sua aplicação em contextos acadêmicos e sociais, o artigo argumenta pela relevância de epistemologias plurais para superar a dependência de teorias eurocentradas. Com isso, a ADC-LA é concebida como um caminho para desconstruir hierarquias de saber e fomentar análises mais inclusivas, alinhadas às realidades locais e às demandas de grupos historicamente subalternizados.

Palavras-chave: Epistemologias Plurais, Transformação Social, Colonialidade do Saber, Teorias Pós-coloniais.

Abstract

This article explores Latin American Critical Discourse Analysis (LA-CDA), highlighting it as counter-hegemonic methodological framework for discourse research. Building on Fairclough's Social Theory of Discourse and its developments, the study presents a decolonial perspective centered on Latin America, addressing the colonialities of power, knowledge, and being that permeate discursive practices. LA-CDA is proposed as a tool for social transformation, integrating concepts such as critical quilombism and Afro-perspectivist epistemologies. By exemplifying its application in academic and social contexts, the article argues for the relevance of plural epistemologies to overcome dependency on Eurocentric theories. Thus, LA-CDA is conceived as a path to dismantle knowledge hierarchies and promote more inclusive analyses aligned with local realities and the demands of historically marginalized groups.

Keywords: Plural Epistemologies, Social Transformation, Coloniality of Knowledge, Postcolonial Theories.

Introdução

Buscaremos, neste artigo, aprofundar os saberes que atravessam o uso da Análise do Discurso Crítica (ADC) para além do binarismo teoria ou metodologia. Iniciaremos com um resgate narrativo da Teoria Social do Discurso, de modo que seja possível situar a ADC e com ela seguir nas reflexões. Teceremos considerações sobre algumas variações desse campo, sobre as vertentes europeamente situadas e propor a continuidade do giro decolonial da ADC para alcançar algo mais latino-americano. Na última parte, vamos apresentar propostas antirracistas para uma Análise do Discurso Crítica Latino-americana (ADC-LA) de fato decolonial.

História: compreendendo os passos já trilhados

Palavras, orações, discursos, linguagens são objetos de interesse humano desde nossa compreensão de sociedade. Pessoas cientistas, filósofas, gramáticas e poetisas se debruçaram sobre o que se fala, a partir de distintas perspectivas e interesses. Apesar de rica e instigante, não iremos até a longínqua história para situar nosso interesse de pesquisa. Vamos por nossos pés na virada para o século XXI.

Na última década do século passado, o linguista britânico Norman Fairclough lança o livro *Discurso e Mudança Social*, em que estabelece um marco para o que chamou de Teoria Social do Discurso (TSD). Para esse autor, a linguagem é, na verdade, prática social, de modo que examina

em profundidade os modos como a linguagem reproduz tais práticas, como também as formas possíveis de transformação social pela e através da linguagem. Seu posicionamento dialético acerca do discurso – já que considera que o discurso é tanto resultado como produtor da estrutura social – é considerado o avanço para os estudos do discurso à época, possibilitado pelas releituras empreendidas, especialmente, aos textos de Michel Pêcheux e Michel Foucault (Magalhães, 2001). Fairclough, no começo de seu livro, busca explicar a falta de análise social nos estudos do discurso até então divulgados, assim como a ausência de perspectivas linguísticas adequadas em pesquisas sociais. Ao longo da explanação, anuncia: “[m]inha tentativa de reunir a análise linguística e a teoria social está centrada numa combinação desse sentido mais socioteórico de ‘discurso’ com o sentido de ‘texto e interação’ na análise de discurso orientada linguisticamente.” (Fairclough, 2001, p. 22).

Esse autor continua sua TSD abordando o evento discursivo, ou seja, um exemplo material de discurso de forma tridimensional: texto, prática discursiva e prática social. Um nível mais visível e imediato do discurso é o texto, produto falado e/ou escrito, composto por palavras e imagens. A prática discursiva é a interação do texto com o contexto circundante – justamente a parte do “texto e interação” (Fairclough, 2001, p. 22) citado pelo autor, e, por fim, a prática social como as circunstâncias mais profundas, institucionais e permanentes do discurso. Trabalhamos com essa abordagem tridimensional em trabalhos anteriores (Faria; Gomes; Modena, 2019; 2022; Faria; Modena; Gomes; Rodrigues, 2020), que pode auxiliar na visualização da TSD em pesquisas da área da saúde.

O ponto é que essa proposta de Fairclough chega a terras tupiniquins fortemente ligada ao termo Análise do Discurso Crítica e à classificação como vertente inglesa da Análise do Discurso (Resende; Ramalho, 2005). Esforços foram empreendidos por pesquisadoras e pesquisadores nacionais para traduzir essa proposta anglicana de ver e significar o discurso como socialmente constitutivo e constituído socialmente. Para Fairclough, nessa etapa de suas reflexões, a análise do discurso tridimensional é possível através das categorias, eixos próprios de cada dimensão, conforme Figura 1.

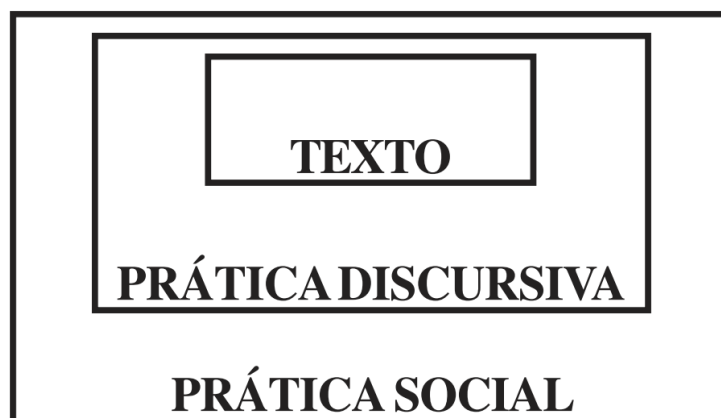


Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso

Fonte: Fairclough (2001).

#paratodasverem: Imagem de três retângulos, de tamanhos diferentes e inseridos um dentro de outro maior. Dentro de cada um está escrito: 'texto', no retângulo menor; 'prática discursiva' no retângulo médio; e 'prática social' no retângulo maior.

No retângulo mais interno, está o texto materialmente visto e sua análise é mediada por categorias como vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Nesse âmbito, a escolha das palavras individuais, a colocação de vírgulas, a combinação das frases, o uso de sinônimos, antônimos e parônimos e a organização dos elementos no texto são artefatos úteis para enquadramento do objeto de pesquisa. O avanço do modelo alcança as práticas discursivas, em que se busca os modos de produção, distribuição e consumo do texto. Aqui, categorias como força, coerência e intertextualidade são acionadas para analisar os tipos de falas presentes no texto, as conexões e inferências necessárias à sua compreensão e as ligações com outros textos (intertextualidade) ou outras ordens do discurso (interdiscursividade). Finalmente, a prática social é incluída na análise pelas categorias ideologia e hegemonia, pelas quais é possível evidenciar os investimentos ideológicos aplicados ao texto, assim como as orientações econômicas, políticas e culturais que perpassam o objeto de interesse (Resende; Ramalho, 2005; Fairclough, 2001).

Tal arranjo de categorias visa não apenas focar no texto em seu contexto, mas também analisar a prática social pelo texto, como se fosse um canal em que sintonizamos para evidenciar as estruturas dominantes, as operações ideológicas e as relações sociais.

Após essa proposta, Fairclough junta esforços com Lilie Chouliaraki para situar a ADC tridimensional na experiência da modernidade tardia. Concebida pela separação entre espaços e tempos, descontinuidades das culturas e dos valores institucionais e pela majoração dos meios comunicacionais, a ideia de modernidade tardia faz com que Chouliaraki e Fairclough (1999)

desloquem a linguagem como prática social para a linguagem como parte da vida social, interligada a outros elementos igualmente necessários a esse novo modo de viver em coletivo. A partir das contribuições de outros autores ligados ao materialismo dialético, aquelas propõem que a prática social não é apenas prática discursiva e texto, mas sim “composta de discurso (ou semiose), atividade material, relações sociais (relações de poder e luta hegemônica pelo estabelecimento, manutenção e transformação dessas relações) e fenômeno mental (crenças, valores e desejos – ideologia)” (Resende; Ramalho, 2004, p. 192). Tais componentes são, então, momentos da prática discursiva, que coexistem sem sobreposição, entrecruzando-se, internalizando-se, articulando-se. A prática social, analisada por essa outra perspectiva, é resultado de constrangimentos balizados pelas permanências relativos desses momentos, de modo que podem sustentá-la ou transformá-la (Resende; Ramalho, 2004; 2005).

Essa nova abordagem para ADC busca construí-la como uma “prática teórica emancipatória” (Resende; Ramalho, 2004, p. 196), que aproveita das rupturas da direção ou estrutura hegemônica, presentes em toda relação de dominação, para pensar e agir com vistas a transformar. Assim sendo, a pesquisa por esta ADC começa com a identificação de um problema social relacionado ao discurso; depois, verificam-se barreiras para solução desse problema em três esferas: a conjuntura, a prática particular e o discurso; adiante buscam-se soluções para esses problemas em função das particularidades identificadas, de modo a construir possibilidade de mudança e transformação, aproveitando-se das contradições e incompletudes da conjuntura; finalmente, o trabalho da ADC é também refletir sobre a análise, afinal ela não é neutra – parte de posicionamentos teóricos para interesses particulares ao mesmo tempo que faz o caminho inverso (Resende; Ramalho, 2004).

Uma possível terceira fase da produção daquele autor inglês é marcada pela linguística funcionalista de Halliday, por conta das críticas em relação à falta de enquadre específico da análise textual em si. Nesse ponto, Fairclough (2003) adota a abordagem da linguística sistêmico-funcional para aprimorar sua ADC e propõe cruzamentos entre as macrofunções que atuam ao mesmo tempo em diferentes textos, propostas por Halliday (ideacional, interpessoal e textual), e os conceitos de estilo, discurso e gênero (Resende; Ramalho, 2005). O resultado disso são os tipos de significados da linguagem: acional, representacional e identificacional. Tais tipos atuam ao mesmo tempo nas relações entre eventos e textos, funcionando como modos de agir, de representar ou de ser. Assim, o significado acional destaca o texto como um modo de ação e interação nos eventos sociais, a partir dos estudos dos gêneros do discurso e dos seus efeitos regulatórios, que funcionam como mecanismos que controlam o que pode ser dito e em que ordem serão apresentados (Ramalho; Rezende, 2011). Gêneros discursivos, como entrevista ou acórdão judicial, vão além de simples

organização textual, facilitando práticas sociais como um todo e sustentando relações institucionais na sociedade capitalista. Como bem resumido pelas pesquisadoras Viviane Ramalho e Viviane Rezende (2011), “[g]êneros, como maneiras particulares de ação e relação, podem servir para legitimar discursos ideológicos, conduzir maneiras particulares de representar práticas, influenciar modos de identificação” (p. 61).

Outro significado presente em Fairclough é o representacional, que focaliza os elementos do mundo e nos modos em que tais são representados, por meio de processos de classificação, elaboração, semelhança e diferenciação. Nesse significado, os discursos funcionam como maneiras específicas de controle sobre as coisas a partir do conhecimento que se expressa em relação a elas, ou seja, podem representar o mundo como ele é visto ou percebido, assim como projetar realidades utópicas, imaginárias, possíveis, não necessariamente ligadas à realidade fática (Ramalho; Rezende, 2011). O estudo sobre pessoas em situação de rua de Mendonça e Resende (2024) é um exemplo nítido sobre como o significado representacional do problema social reverbera nas práticas sociais e na condução de tal situação no contexto de São Paulo.

Já o significado identificacional se refere a uma função que perpassa construções e negociações de identidades no discurso. Isso é materializado pelos estilos de fala, de vocabulário, de uso das palavras no texto. Metáforas, ironias, sinônimos e outros recursos são acionados no discurso para identificar atores sociais em textos e nos seus modos particulares de ser (Ramalho; Rezende, 2011). Se, em uma peça jurídica, a parte utiliza jargões rebuscados em latim para confirmar sua tese ou lança mão de expressões populares viralizadas em redes sociais para defender seu ponto de vista, ela está construindo uma identidade específica e útil a ela nessa prática discursiva e social a qual a peça jurídica está inserida.

É importante salientar que essas fases da ADC da chamada vertente inglesa foram atravessadas por diversas outras perspectivas, que são mais bem exploradas por outras autoras e suas obras, como Resende e Regis (2017) e Lima e Gomes (2022), só para citar algumas das mais recentes. Os estudos do discurso conformam um campo vivo, em movimento, permeado e permeável por perspectivas outras, mobilizadas pelos sujeitos que utilizam a ADC como elemento investigativo das práticas sociais. Justamente por isso, nos último trinta anos, grupos de pesquisa nas áreas de Letras e Linguística têm aplicado essa vertente inglesa ou a francesa nos projetos investigativos sobre problemas sociais textualmente mediados no Brasil e na América Latina. O nome das vertentes e a aplicação quase imediata de saberes localizados epistemologicamente na Europa sobre contextos locais evidencia certa dependência latino-americana, denominada por Resende (2021) de colonialidade de saberes do discurso. Isso evidencia “um grande esforço de

aplicação de teorias tomadas como universalmente válidas e pouco modificadas no contexto situado, mas também tem implicações sobre o ser analista de discurso nesse local de subalternidade no campo acadêmico” (Resende, 2021, p. 2). É por essa via que propomos um caminho para o fortalecimento da ADC-LA.

Caminho: trilhando com os pés no chão

A reivindicação por uma ADC pela perspectiva da América Latina não é um esforço pelo apagamento da história do campo, muito menos silenciamento de outras vozes. A decolonização da ADC é o esforço para superar a invisibilidade do pensamento latino-americano em certas esferas da produção e do consumo do conhecimento acadêmico, de modo a não ser mais mera aplicação da vertente faircloughiana ou inglesa (Resende, 2019a).

Nas afetuosas palavras de Viviane Resende (2019a), o problema não reside nas pessoas pesquisadoras europeias – afinal, apesar de nos impor limitações, elas também podem impulsionar nosso avanço. O problema, segundo Resende, está "na herança colonial, suas raízes históricas, sua pretensão universalizante e seus efeitos relacionais, e como tudo isso nos posiciona de saída" (p. 14). Tal herança colonial, contudo, opera em uma via de mão dupla: enquanto impõe, também forma sujeitos que consomem teorias, saberes e métodos. Nesse contexto, é pertinente problematizar uma postura de certas pessoas pesquisadoras da América Latina, que muitas vezes assumem um papel de consumidoras acríticas das teorias europeias.

Além disso, a herança colonial não apenas nos posiciona – perpetuando a ideia de sujeitos passivos –, mas também nos leva a nos posicionar. Esse movimento nos constitui como sujeitos ativos, ainda que em uma posição de sujeição. Porém, enquanto sujeitos ativos, temos a possibilidade de alterar essa relação, assumindo uma postura crítica e transformadora.

Assim sendo, nossa saída será por outra via: a ADC-LA como caminho para poder, saber e ser nas pesquisas sobre os discursos. Resende (2019b) nos ensina que a contribuição de uma perspectiva latino-americana para os estudos do discurso pode ser mais relevante “se assumirmos uma postura decolonial pela superação da colonialidade do poder, do saber e do ser” (p. 36). Assim, os eixos de operação da colonialidade estão associados justamente a aqueles tipos de significados da linguagem: colonialidade do poder (acional), colonialidade do saber (representacional) e colonialidade do ser (identificacional).

A colonialidade do saber está relacionada aos discursos por meio dos quais compreendemos o mundo social, ligados então ao classismo, ao racismo, ao sexismo e a sua interseccionalidade. Esses discursos colonizam o *ser*, nos levando a padrões de identificação que limitam nossa ação, e então também à *colonialidade do poder* – agimos conforme padrões capitalistas, racistas e sexistas; e reproduzimos consciente ou inconscientemente esses padrões de ação (Resende, 2019b, p. 36, grifos nossos).

Dessa forma, se considerarmos que o significado acional destaca o texto como um modo de ação e interação nos eventos sociais, então a colonialidade que opera nessa dimensão interrelaciona ações e práticas de instituições, atores, sujeitos aos gêneros textuais que produzem para determinados contexto e momento. Não apenas o gênero textual em si – entrevistas, acórdãos, pareceres técnicos – mas também as estratégias de divulgação permeiam o sentido acional do discurso, podendo ser instrumento para uma colonialidade do poder.

Nessa esteira, a esfera representacional do discurso – aquela em que elementos do mundo são representados por meio de processos de classificação, elaboração, semelhança e diferenciação – pode materializar uma colonialidade do saber à medida que há imposições de epistemologias eurocentradas ou nortecentradas como se fossem as únicas aptas a representar, no texto, o que vemos, ouvimos, percebemos ao nosso redor (Duarte-Alves, 2022). No meio acadêmico, isso aparece quando, para validar o que compreendemos, exige-se a citação de algum teórico clássico que aborde aquele assunto. Em tal exigência, geralmente recorremos a cientistas do Norte geopolítico e não levamos em consideração cientistas igualmente qualificados do Sul que oferecem ideias, conceitos e perspectivas mais correlatas ao nosso cenário de pesquisa (Resende, 2019b).

Por fim, a colonialidade do ser advém da dimensão identificacional do discurso, que possibilita construções de subjetividades colonizadas, subalternas, abjetas. Em textos acerca de problemas sociais, objeto primordial da ADC-LA, é importante atentar-se para a colonização cognitiva, processo derivado “da experiência vivida da colonização e seu impacto na linguagem” (Maldonado-Torres; 2007, p. 131). E isso não acontece apartado das outras colonialidades que operam em nossos discursos, afinal os significados da linguagem nos discursos também não acontecem isoladamente. Aqui, a separação é um exercício analítico de desvelamento da prática sociodiscursiva naturalizante, universalizante a qual nos atravessam continuamente. Para uma ADC-LA, o primeiro passo é reconhecer o papel subalterno que nos foi ensinado e, a partir dele, questionar o conhecimento que temos validado nos últimos séculos.

Compreendido o pressuposto central da ADC-LA, a partir do conceito de colonialidade, avançamos em nossa trajetória para construir outras abordagens de ADC, nas quais a linguagem

atua como instrumento de colonização, articulando poder, saber e ser. Isso é possível – e é a principal contribuição dessa perspectiva, segundo Viviane Resende (2019a) – pela mobilização dos três eixos nas análises textualmente orientadas dos discursos que pesquisamos. A tese de Andreia Duarte-Alves (2022) é um dos exemplos robustos de estudos do discurso pela perspectiva latino-americana. Usaremos tal tese para esmiuçar a operacionalização da ADC-LA, a fim de vislumbrar seus potenciais decoloniais.

Essa autora enuncia que seu principal objetivo é “[a]nalisar a relação entre a Modernidade/Colonialidade e o discurso gerencialista manifesto pelos representantes das corporações extrativistas produtoras de desastres” (Duarte-Alves, 2022, p. 35). Como referencial teórico-metodológico, aciona a ADC-LA, a partir de autoras latinas, para entender que as práticas de gestão de tais corporações são práticas sociais operadas pela linguagem e sustentadas por discursos. A pertinência dessas escolhas reside na “necessidade de analisar esses desastres-crimes não como eventos isolados ou acidentais, mas como eventos constituídos discursivamente em modelos de governança corporativa sustentados na colonialidade do poder, na colonialidade do saber e na colonialidade do ser” (Duarte-Alves, 2022, p. 52). Ao longo da obra, a autora constrói críticas em relação ao discurso desenvolvimentista e às promessas da modernidade ditas por corporações que separam o animal humano da natureza que o circunda, a partir das entrevistas concedidas por dirigentes da Vale S. A., entre 2011 e 2019, período que abarcou o rompimento das barragens das minas Germano da Samarco e Córrego do Feijão, ambas em Minas Gerais, Brasil.

A operacionalização dessa pesquisa envolveu a transcrição das entrevistas, a sistematização dos elementos que compuseram essa cena discursiva (entrevistador, momento político-econômico, contexto empresarial da Vale, entre outros) e a análise textual do que foi dito e do que não foi dito pelos dirigentes entrevistados. Focalizar nos verbos ou processos verbais, atentar-se para as enunciações, destacar metáforas e sinônimos, problematizar o uso de pronomes e seus referenciais no discurso, e aprofundar na utilização de modalizadores foram alguns movimentos empreendidos por Andreia para delinear os modos de colonialidades com que os atores envolvidos legitimavam em seus discursos. Em outras palavras, a pesquisadora buscou significados identificacionais associados aos rompimentos produzidos por dirigentes da Vale e, juntamente com a análise das representações que adotaram como ótimas e adequadas para os demais atores envolvidos (pessoas atingidas pelo desastre-crime, investidoras, mercado financeiro, governo brasileiro etc.), conseguiu delinear uma colonialidade de poder, praticada pela Vale, para ser adotada como padrão-ouro na compreensão da relação humanidade e natureza.

Portanto, ela partiu de um problema do cotidiano, textualmente orientado, para compreender como os discursos, enquanto prática social, atravessam diversos âmbitos das relações, das estruturas e das ações desenvolvidas nesse cenário. Essa perspectiva parte da ADC europeia, de Norman Fairclough, de Teun van Dijk, de Lilie Chouliaraki. O giro epistemológico decolonial não expurga sua história colonial, pois reconhece que há contribuições importantes em todo o lugar, inclusive naquele continente. A virada é que, ao lado desse saber, haverá outros igualmente válidos e provindos de lugares antes relegados a apenas aceitar o conhecimento importado do Norte. Desse modo, Andreia Duarte-Alves constrói sua tese também com Viviane Resende, Nelson Maldonado-Torres, Malcom Ferdinand, Joaze Bernardino-Costa, Aníbal Quijano, entre outras pessoas que, além de pesquisadoras, oferecem perspectivas particulares de quem vive o evento social, de quem partilha saberes que são colocados no jogo discursivo. Aqui, o esforço é de não hierarquia de saberes. O abstrato não sobrepõe ao concreto. O importado não vale mais que o da terra. Decolonidade, na ADC-LA, é esforçar-se para mudar o olhar investigativo, histórica e academicamente treinado para mirar na ‘fonte’ de teóricos do Norte, e considerar como igualmente válido o conhecimento produzido pelas periferias, pelas margens, pelas colônias. É criticar o que há anos temos considerado como a base e construir pesquisas que possam dialogar melhor com os nossos, sem menosprezar aqueles que também trabalharam para avançarmos no entendimento do mundo. Afinal, a pureza epistêmica é algo que também precisa ser desconstruída ao assumir o giro decolonial. Como bem abordado por Shi-xu (2019), em seu texto crítico sobre as perspectivas ocidentais da ADC, “dentro do ‘Ocidente’ opressivo há membros individuais conscientes, críticos e igualitários; da mesma forma, dentro do ‘Oriente’ há com certeza casos de autoritarismo e abuso de poder” (p. 66). Com essa citação, lançamos o olhar para o horizonte da ADC-LA.

Horizonte: os pés vão para onde o olhar alcança

Quando buscamos por ‘Análise de Discurso Crítica Latino-americana’ no Google Acadêmico¹, encontramos sete produções. A maioria já foi utilizada neste artigo para delinear a história e o caminho, de modo que, para vislumbrar o horizonte, lançaremos mão de uma perspectiva da ADC-LA que nos parece ser necessária no giro decolonial.

Apresentada por Gersiney Santos, Litiane Macedo e outras pesquisadoras e pesquisadores negros, essa perspectiva denuncia que a decolonialidade nos estudos do discurso ainda está

1 Busca realizada em 28 de outubro de 2024.

circunscrita a sujeitos brancos, da elite acadêmica ou, no mínimo, descolados da realidade latina de fato – formada por maioria preta, parda, pobre, periférica. Santos (2019) destaca que a decolonialidade do ser, do saber e do poder parece ser novidade do pensamento pós-moderno, no entanto “a discussão sobre as estratégias de colonização e de sua superação sempre foi inerente a ações históricas de resistência” (p. 124), especialmente do povo preto, dos quilombos aos movimentos sociais. Assim, ao adentrar pelas salas da Academia, o pensamento decolonial favorece práticas alinhadas à reparação histórica em relação às epistemologias outras que não as do Norte, porém o ambiente acadêmico permanece apartado da sociedade que a sustenta.

O mesmo autor propõe alguns questionamentos para a ADC-LA:

de fato, está-se rompendo concretamente com uma lógica colonizadora? A mudança social está acontecendo com o envolvimento ativo dessas áreas do conhecimento? Indo além, pesquisadores/as negros/as estão entendendo-se mesmo como povo negro, suscetível a todas as implicações que ser negro na América Latina acarreta? E o retorno para o povo está acontecendo de forma central e articulada?

As respostas para tais questionamentos permanecem em construção. No âmbito da ADC-LA, há alguns conceitos que parecem facilitar a articulação necessária para e com o povo, como a aquilombagem crítica e as epistemes afroperspectivistas.

Gersiney Santos propõe em seus trabalhos (2019, 2022) que a ADC-LA precisa se conjugar com uma intertextualidade de resistência, de modo que, ao olhar para problemas sociais textualmente orientados, sejamos capazes de escavar, identificar e reconhecer saberes e pessoas que foram apagadas pelo epistemicídio colonial e reconectá-las aos contextos sociais, políticos e culturais do Brasil-Afro-Latino. Assim, a ADC-LA vai além da instrumentalidade da pesquisa e alcança a “sua gênese de formação e transformação: a sociedade – a qual necessita cada vez mais estar ciente do poder da linguagem, bem como do poder e da linguagem” (Santos, 2019, p. 141).

Ainda que se valha de categorias analíticas propostas por autores do Norte, a aquilombagem crítica da ADC-LA as compreende como “a serviço da possibilidade de transformação, da reexistência” (Santos; Santos, 2022, p. 12). Assim, categorias, como gênero textual e discurso, são utilizadas para produção e legitimação de identidades e narrativas sociais próprias, de retorno às ancestralidades e de ida a um horizonte de diversidades e interseccionalidades. Em outras palavras, a ADC-LA precisa agir de modo sankofa (Macedo, 2023).

De origem ganesa, *sankofa* pode ser traduzida como ‘volte e pegue’, o que, para o horizonte da ADC-LA que aqui propomos, coaduna com o que Litiane Macedo chama de epistemes afroperspectivistas:

um método traçado e enraizado a partir de dentro, na e pela experiência da África e sua descendência no mundo, na América Latina, especificamente o Brasil. Mas não apenas: pensar na afroperspectiva leva-nos a querer ampliar o debate e considerar outras produções e perspectivas que, além de problematizar a universalidade e a hegemonia eurocêntricas, trazem formulações teóricas de suas matrizes culturais indígenas, asiáticas e europeias para compreender o mundo: para pensar e reconhecer os lugares que ocupam e que lhe foram atribuídos como construções sociais (Souza, 2022, p.109).

Dessa forma, a ADC-LA precisa voltar - no sentido de reformular-se teórica e metodologicamente, a fim de romper determinadas estruturas hierarquizantes de saberes e, portanto, discursos e práticas – e pegar as raízes das relações desiguais de poder racializadas. Para tanto, Macedo (2022) propõe quatro possibilidades implicativas das epistemes afroperspectivistas para os estudos do discurso:

- I. Se o pensar só se materializa com e pelo corpo, então o corpo (quem produz e pronuncia o discurso) deve ser entendido como um elemento da prática social, seja o corpo que produz textos, o corpo sobre o qual o texto diz ou ainda o corpo que pesquisa sobre textos de e sobre outros corpos;
- II. É importante colocar pensadoras negras e pensadores negros no referencial teórico-conceitual, pois o entendimento basal sobre práticas discursivas não pode ser compartimentalizado, conforme propôs as escolas tradicionalmente críticas do discurso, mas sim pluristêmico, perspectiva alinhada com saberes ameríndios e afrodiaspóricos;
- III. Pluralizar e horizontalizar os conhecimentos, desde sua produção até sua transformação em outros conhecimentos, de modo a identificar e defender a existência de centralidades e perspectivas múltiplas, além daquelas produzidas pelo Norte;
- IV. Sobrepor o individualismo acadêmico com a construção de redes, de conexões entre pares, grupos, comunidades para mobilização e mudança.

Portanto, o conjunto dessas implicações pode levar a ADC-LA para um horizonte realmente crítico, transgressor de práticas estabelecidas que reproduzem colonialidades. Se a proposta é um giro, portanto nosso olhar precisa igualmente mudar de direção, mirar lugares em que possamos conviver com as diferenças em vez de hierarquizar as coisas (Macedo, 2022).

Para continuar...

A colonialidade do ser limita nossa visão e compreensão do outro, a colonialidade do saber limita nosso discurso, a colonialidade do poder limita nossa ação. A linguagem, enquanto elemento sócio-histórico da humanidade, é utilizada nesse cerceamento desde as primeiras relações assimétricas de poder de que temos conhecimento. Porém, é também por meio dessa linguagem que é possível mudar, transgredir, transformar. Neste artigo, buscamos contribuir com a consolidação da ADC-LA por acreditarmos que é possível outros olhares, com e para outros corpos, a fim de trilhar outros percursos nas teorias sociais do discurso.

Enquanto História, evidenciamos os saberes que estão colocados, largamente utilizados nas pesquisas sobre discursos como ‘fonte’ ou ‘literatura clássica’. Na verdade, são saberes particulares, localizados, provisórios, parciais, os quais reconhecemos seu valor, sem alçá-los a uma posição de superioridade. Agradecemos o que fizeram, mas, a partir daqui, vamos para outro lugar.

Em Caminho, tentamos definir contornos mais palpáveis de uma ADC-LA, com pegadas mais fortes, com pés mais firmes, objetivando performar um giro decolonial que desvelasse como torná-lo possível em nossas pesquisas textualmente orientadas. Com os pés firmes, podemos mudar o olhar, inventar outros modos de olhar e, se necessário for, olhar para trás e buscar algo do passado que precisamos no futuro. Sankofa.

Assim como o pássaro mítico, propomos no Horizonte visitar o passado, ressignificá-lo e mudar o futuro. Guiadas por conceitos necessários à ADC-LA, como aquilombagem crítica e epistemes afroperspectivistas, completamos o giro decolonial, pelo menos provisoriamente. Muitos elementos ainda vão aparecer nessa caminhada, outros já estão próximos: a contracolonialidade, por exemplo, já é vislumbrada nesse horizonte. Conceito abordado e desenvolvido por Nêgo Bispo e Ailton Krenak a contracolonialidade expressa a resistência ativa ao colonialismo, em oposição à ideia de decolonização. De acordo com aqueles filósofos, a decolonialidade pressupõe a interrupção das práticas colonizadoras pelos próprios colonizadores, ao passo que a contracolonialidade

reconhece a impossibilidade dessa desistência, dado que o colonialismo segue operando de forma sofisticada e intensa. Os povos colonizados, por sua vez, não poderiam decolonizar algo que não criaram, por não dominarem os processos e estruturas que sustentam o colonialismo. Nesse sentido, a contracolonialidade se manifesta como uma prática de enfrentamento e transformação crítica, caracterizada pela resistência e pela afirmação de formas alternativas de existência, como o Quilombo, que transcendem as lógicas coloniais (Oliveira, 2019).

Seria a contracolonialidade o próximo caminho a trilhar na ADC-LA? A aquilombagem crítica e as epistemes afroperspectivistas apontam para esse horizonte? Para responder, precisamos continuar, coletivamente e em redes, (re)pensando, (re)criando e (re)vivendo outras possibilidades de saber-ser-poder no mundo.

Referências

CHOUILIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DUARTE-ALVES, Andreia. **Colonialidade e desastres**: uma análise crítica latino-americana do discurso gerencialista em corporações extrativistas. 2022. 238f. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2022.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FARIA, Mateus Aparecido de; GOMES, Maria Carmen Aires; MODENA, Celina Maria. Movimentos sociais e militância como estratégia de enfrentamento performática. **Rebeh -Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 02, p. 04-19, 2019.

FARIA, Mateus Aparecido de et al. Representação de violência para a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais universitárias: estudo à luz da Análise do Discurso Crítica. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 240-259, 2020.

FARIA, Mateus Aparecido de; GOMES, Maria Carmen Aires; MODENA, Celina Maria. “Mar de bullying”: turbilhão de violências contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais na escola. **Educação e Pesquisa**, v. 48, p. e241630, 2022.

LIMA, Bruno de Assis Freire de; GOMES, Maria Carmen Aires. **Estilos e Discursos**: contribuições para estudos da Linguagem. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2022. v. 1. 256p.

MACEDO, Litiane Barbosa. Notas em negrito: contribuições das epistemes afroperspectivistas contra os ruídos coloniais na produção de saberes no campo dos Estudos Críticos do Discurso. **Discurso y Sociedad**, v. 17, n. 4, p. 652-676, 2023.

MAGALHÃES, Izabel. Prefácio. In: FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001. p. 17-19.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central y Pontificia Universidad Javeriana, 2007. p. 127-67.

MENDONÇA, Daniele Gruppi de; RESENDE, Viviane de Melo. Interdiscursivity, metaphor, and polarization: how people experiencing homelessness are represented in the editorials of Folha de S. Paulo. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 68, p. e18070, 2024.

OLIVEIRA, Yan Gabriel Souza de. **Xamanismo, ou, devir outro da filosofia**. Ensaios de recepção à contracolonialidade filosófica e à cosmopolítica xamânica imanentes em 'A queda do céu'. 2019. 219 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Pontes Editores, 2011.

RESENDE, Viviane de Melo. Representação discursiva de pessoas em situação de rua no "Caderno Brasília": naturalização e expurgo do outro. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 12, n. 2, p. 439-465, maio/ago. 2012.

RESENDE, Viviane de Melo. Apresentação. In: RESENDE, Viviane de Melo (orgs.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019a. p. 11-18.

RESENDE, Viviane de Melo. Perspectivas latino-americanas para decolonizar os estudos críticos do discurso. In: RESENDE, Viviane de Melo (orgs.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019b. p. 19-46.

RESENDE, Viviane de Melo. Decolonizar os estudos críticos do discurso: por perspectivas latino-americanas. **Critical Discourse Studies**, v. 18, n. 1, p. 10-25, 2021.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. 1, p. 185-208, 2004.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. Análise de discurso crítica: uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes da teoria social do discurso. **ALED/Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, v. 5, n. 1, p. 27-50, 2005.

RESENDE, Viviane de Melo; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva. **Outras perspectivas em análise de discurso crítica**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

SANTOS, Gersiney Pablo. Linguagem e decolonialidade: discursos e(m) resistência na trilha da aquilombagem crítica. In: RESENDE, Viviane de Melo (orgs.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 95-117.

SANTOS, Gersiney; SANTOS, Daiane Silva. Epistemologias de reexistência: um diálogo teórico-metodológico entre interseccionalidade e aquilombagem crítica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, p. e270028, 2022.

SHI-XU. Reconstruindo paradigmas orientais em estudos do discurso. In: RESENDE, Viviane de Melo (orgs.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 63-82.

Contribuição de autoria

Mateus Aparecido de Faria - Administração do projeto; Análise formal; Conceituação; Curadoria de dados; Escrita – primeira redação; Escrita – revisão e edição; Investigação; Metodologia; Recursos; Validação.

Livia Pereira de Souza - Administração do projeto; Análise formal; Conceituação; Curadoria de dados; Escrita – primeira redação; Escrita – revisão e edição; Investigação; Metodologia; Recursos; Validação.

Paula Dias Bevilacqua - Administração do projeto; Análise formal; Conceituação; Curadoria de dados; Escrita – primeira redação; Escrita – revisão e edição; Investigação; Metodologia; Recursos; Validação.

Conflito de interesses

As pessoas autoras declaram não haver conflito de interesses.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.